

“SOU GAY, PORÉM TOTALMENTE DISCRETO” – OS ESTEREÓTIPOS E A CRIAÇÃO DO *ETHOS* EM UM SITE DE RELACIONAMENTO GAY¹

Daniel Mazzaro Vilar de Almeida²

RESUMO

Este trabalho, baseado em minha monografia, apresentada em dezembro de 2008 para obtenção do grau de Bacharel em Português, examina a relação entre os estereótipos existentes na sociedade moderna quanto aos homens homossexuais e a criação do *ethos* (ou imagem de si) em perfis de um site de relacionamento gay. Busca-se analisar com base em quê e de que forma os homossexuais de Belo Horizonte cadastrados no site *ManHunt.net* constroem uma imagem de si e do outro em um contexto de busca de relacionamentos. Falaremos, para tanto, de forma geral, de conceitos como “preconceito”, “estereótipo”, “politicamente correto”, “gênero” e “identidade”, além de debater assuntos relacionados ao universo gay, como “ativo” e “passivo”. Pautando-nos nas contribuições da Análise do Discurso, bem como em estudos da Sociologia e da Psicologia Social, usaremos e aplicaremos termos e conceitos como “*ethos*” e “imaginários sócio-discursivos”. A escolha da Análise do Discurso decorre do fato de ela levar em consideração não apenas as estruturas linguísticas das manifestações verbais, mas também as manifestações socioculturais e ideológicas. Os resultados desta pesquisa revelam que a construção do *ethos* dos participantes do site baseia-se nos estereótipos socialmente compartilhados sobre os homossexuais, seja de forma a contribuir para sua manutenção ou para desconstruir uma visão distorcida destes.

Palavras-chave: homossexualidade – perfil de site de relacionamento gay – *ethos* – imaginários sócio-discursivos

RESUMEN

Este trabajo, basado en mi monografía, presentada en diciembre de 2008 para obtención del grado de Licenciado en Portugués, examina la relación entre los estereotipos existentes en la sociedad moderna en cuanto a los hombres homosexuales y la creación del *ethos* (o imagen de sí) en perfiles de un web sitio de relación gay. Se busca analizar con base en qué y cómo los homosexuales de Belo Horizonte cadastrados en el sitio *ManHunt.net* construyen una imagen de sí y del otro en un contexto de busca de

¹ Esta pesquisa foi orientada pela professora Dra. Helcira Maria Rodrigues de Lima para a obtenção do título de Bacharel em Português.

² Mestrando em Estudos Linguísticos pela FALE/UFMG

relaciones. Hablaremos, para tanto, de forma general, de conceptos como “prejuicio”, “estereotipo”, “políticamente correcto”, “género” e “identidad”, además de debatir asuntos relacionados al universo gay, como “activo” y “pasivo”. Pautándonos en las contribuciones del Análisis del Discurso, y también en estudios de la Sociología y Psicología Social, usaremos y aplicaremos términos y conceptos como “ethos” e “imaginarios socio-discursivos”. La elección del Análisis del Discurso se debe al hecho de que él tiene en cuenta no sólo las estructuras lingüísticas de las manifestaciones verbales, sino también las manifestaciones socio-culturales e ideológicas. Los resultados de esta investigación desvelan que la construcción del ethos de los participantes del sitio se basa en los estereotipos socialmente compartidos sobre los homosexuales, sea de forma a contribuir a su manutención, sea para deshacer una visión distorsionada de estos.

Palabras-clave: homosexualidad – perfil de sitio de relación gay – ethos – imaginarios socio-discursivos

1. E AÍ?

Não é novidade afirmar que os grupos que sofrem com o preconceito também possuem posturas preconceituosas. Os homossexuais não são diferentes. Este trabalho consiste em analisar a finalidade com que esses preconceitos aparecem no discurso gay. Com isso, pretendemos traçar um perfil da identidade homossexual a partir dos próprios homossexuais quando estes estão em um contexto de “caça”, isto é, de busca de um parceiro. Acreditamos que, neste contexto, os preconceitos aparecerão com maior frequência, pois o que se pretende é “vender” uma imagem de si positiva, o que os levaria a tecer comentários nos quais valorizariam (explícita ou implicitamente) sobre o que acham bom, correto, bonito e de valor.

Dessa forma, na primeira parte deste artigo, faremos algumas considerações sobre a identidade gay e definiremos os termos “estereótipo”, “preconceito” e “politicamente correto” que serão usados na análise do corpus. Além disso, comentaremos a definição de “gênero” e a importância da distinção entre os passivos e ativos nos relacionamentos homossexuais. Apresentaremos, também, as definições de “ethos” e “imaginários sócio-discursivos”, termos da área da Análise do Discurso (e que têm influência de outras áreas, como a Sociologia e a Psicologia Social) importantes para o trabalho. A segunda parte está destinada à análise de alguns perfis do site *ManHunt.net*

que representam temas recorrentes nos textos. Por fim, na terceira parte, teceremos considerações acerca da recorrência de estereótipos e preconceitos nos perfis analisados, além de procurar possíveis explicações para esse fato.

2. DE QUEM ESTAMOS FALANDO?

De acordo com Queiroz (1992), o que conhecemos atualmente sob o nome *homossexual* não é uma novidade do mundo moderno, e tampouco um privilégio da espécie humana. Historicamente, as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo tiveram diversas interpretações, desde uma aceitação social e educacional na Antiguidade até uma visão pecaminosa na Idade Média e de constituinte do quadro de doenças passíveis de exame, avaliação e tratamento no final do século XVIII (SILVA, 2006?).

Ainda dentro do fator histórico, é importante destacar os termos que se referem aos homossexuais, desde palavras ligadas à religião, como *sodomia*, e a doenças, como *homossexualismo*³. Atualmente, os termos *gay* e *homossexual* são os mais usados e possuem uma carga semântica menos negativa se comparados aos jocosos *veado/viado* (que se refere ao animal tido como frágil e delicado) e *bicha* (do francês *biche*, corsa, ou até mesmo referindo-se a verme).

Pedro (2006) ressalta que nenhum dos termos usados hoje para referir-se a pessoas que se relacionam afetivamente com outras do mesmo sexo foge de sua carga negativa, já que todos os vocábulos usados para designar os gays são usados por grande parte da sociedade brasileira como forma de ofender. Isso já deixa explícito, por si só, através do poder da designação, o alto grau de preconceito existente acerca desse tipo de orientação sexual.

O preconceito é muito estudado na Psicologia Social, área da Psicologia que procura estudar a interação social e as manifestações comportamentais suscitadas pela

³ Atualmente, há uma tendência ao uso do termo *homossexualidade* no invés de *homossexualismo*. A preferência se encontra na carga negativa que este possui. Segundo Pedro (2006, p. 27), o sufixo *-ismo* remete, com frequência, à categoria de anomalia (por exemplo, *albinismo*, *estrabismo*, *hermafroditismo*); a doenças (*ergotismo*, *infantilismo*, *reumatismo* e *cretinismo*); a intoxicações (*botulismo* e *alcoolismo*); e a distúrbio mental (*exibicionismo*). Assim, usar o termo *homossexualismo* é o mesmo que afirmar a idéia de *desvio de um padrão normal*, de *anormalidade*.

interação de uma pessoa com outras pessoas, ou pela mera expectativa de tal interação. Nessa área, entende-se preconceito como uma atitude negativa contra um grupo de pessoas, baseada exclusivamente no fato de elas pertencerem ao grupo discriminado. Aronson (2002), citado por Pedro (2006), aponta para três elementos que compõem uma atitude preconceituosa: o *componente afetivo*, relativo às emoções; o *componente cognitivo*, relativo às crenças e aos pensamentos; e o *componente comportamental*, relativo às ações.

O *componente cognitivo* é o estereótipo, que deve ser entendido como “representações cristalizadas, esquemas culturais pré-existentes, através dos quais cada pessoa filtra a realidade do entorno” (AMOSSY & HERSCHBERG-PIERROT, 2003, p. 32). Apesar de os estereótipos não serem necessariamente negativos, no que tange aos homossexuais não observamos muitos pontos positivos quando estereotipados. Para Silva (2007), há uma estreita relação triangular do estereótipo com o preconceito e o homossexual, o que o leva a afirmar que “estereótipo e preconceito estabelecem entre si uma dialética ‘biunívoca’”. Pedro (2006, p. 21) reforça isso ao dizer que a consequência negativa dos estereótipos está nas generalizações incorretas que rotulam as pessoas e não permitem que essas sejam percebidas (e tratadas) como indivíduos singulares, com características próprias, negando-lhes direitos morais e legais. Neste sentido, o estereótipo também pode ser visto como forma de controle social.

Dessa forma, segundo Muñoz (1996), a cultura popular demonstra uma informação (ou melhor, uma desinformação) surpreendentemente específica sobre o homossexual:

1- *Homogeneidade*: o homossexual tem sempre as mesmas características, o que desconhece o fato de que os homossexuais são tão variados quanto os heterossexuais.

2- *Hipersexualização*: o homossexual é sempre definido em termos de sua sexualidade, é sempre promíscuo e está sempre em busca de presas sexuais.

3- *Infelicidade*: esta sexualidade é mostrada como necessariamente insatisfatória, pois os homossexuais são vistos sempre como pessoas solitárias e de aparência ridícula.

4- *Promiscuidade*: o homossexual orienta sua atração para homens heterossexuais, que invariavelmente o rechaçam. Esta atração não parece estar

relacionada ao fato de que o heterossexual em questão seja mais ou menos atrativo que o homossexual, e sim que o homossexual carece de um critério de seletividade.

5- *Afeminado*: o homossexual é invariavelmente afeminado. Esse estereótipo é bem difundido pelos programas de comédia da televisão. Muñoz (1996, p. 30) reconhece que realmente há homossexuais afeminados, mesmo que nunca tão estereotipados como na ficção. E lembra: “mesmo nestes casos, devemos ter em conta que os personagens televisivos não são uma mera ‘representação’ de uma realidade prévia, e sim que, muitas vezes, também os homossexuais afeminados aprenderam seus códigos pela televisão”.

6- *Sexo anal*: com frequência as práticas homossexuais são aludidas com piadas de duplo sentido e se referem ao sexo anal, prática que não é exclusiva dos homossexuais e que tampouco é definidora da relação sexual homossexual. Desta maneira, o esquema se adapta à interpretação tradicional que define a masculinidade e a feminilidade através do sexo penetrativo.

A discriminação, por sua vez, refere-se ao *componente comportamental*, já que se define como “ação negativa, injustificada ou prejudicial contra os membros de um grupo, simplesmente porque pertencem a esse grupo” (PEDRO, 2006, p. 21).

Muñoz (1996) lembra que a homossexualidade é um assunto de “sentido comum” que funciona da seguinte forma: (a) é desejável que a homossexualidade não exista; (b) quando suspeitamos ou sabemos de sua existência, então o mais “adequado” é não falar do tema (no melhor dos casos, é “inominável”); (c) quando por fim se toca explicitamente no assunto da homossexualidade, esta referência funciona como uma acusação (“fulano é bicha”).

Atualmente, tem ganhado força a idéia de que a homossexualidade não é uma questão de escolha, o que leva o termo *opção sexual* a ser um equívoco. Alguns preferem *condição sexual* ou *orientação sexual*, o que reflete melhor sua questão bio-psico-social e cultural.

Entre tantos conceitos, emerge uma expressão muito em voga atualmente: o *politicamente correto*. Nas palavras de Soares (1998, p. 221), o politicamente correto seria um “nome vago e controverso de um processo aberto, em construção, tenso e incerto, que funciona como uma gravitação sociológica, impelindo os indivíduos a constantes negociações e renegociações de sentidos e valores. É apenas o reavivamento do debate

ético-político.” Por tudo isso, talvez uma das maneiras de diminuir os preconceitos, incluindo o preconceito sobre a orientação sexual, é exatamente a discussão do que vem a ser o *politicamente correto*. Isso significa “estimular um debate democrático que a sociedade brasileira tem procurado evitar, para preservar o conforto de ideologias homofóbicas, misóginas e racistas, de direita e de esquerda” (SOARES, 1998, p. 234).

Nesse emaranhado, encontramos-nos diante da pergunta *quem são, afinal, os homossexuais?* Assim como qualquer indivíduo pós-moderno, na visão de Hall (2000), o gay também assume diversas identidades em diversas ocasiões, dando a impressão de um “eu” incoerente. A começar pelo fato de “a representação social dos homens ser constituída a partir do sexo, que se torna um dispositivo norteador para suas ações e intenções durante a vida, sejam eles homo ou heterossexuais”, como afirma Nolasco (1995, p. 18).

Identificar socialmente os homossexuais não é uma tarefa fácil, já que nem todos se entendem como tais em todos os contextos. Como revela Heilborn (1996, p. 143),

o constrangimento que a relação com certas instâncias sociais como família, vizinhança e trabalho produz, torna patente acertos e acomodações no modo de administração da identidade sexual. Assim, as escolhas explicitam-se como opções limitadas a um campo de possibilidades.

Outro elemento de caracterização do indivíduo que merece comentários é o *gênero*. Grosso modo, o gênero se refere às diferenças entre as mulheres e os homens, mas, ainda que seja usado como sinônimo de sexo, nas ciências sociais refere-se às diferenças sociais, conhecidas nas ciências biológicas como *papel social de gênero*, isto é, um conjunto de comportamentos associados à masculinidade e à feminilidade, em um grupo ou sistema social.

Nolasco (1995), ao tratar da desconstrução do masculino, tece comentários sobre um *indivíduo polifônico*. Trata-se de um indivíduo que é produzido a partir de sucessivas crises, transformações cotidianas e reavaliação sobre o modo como se vê. Dessa forma, encontramos uma associação direta entre símbolos da condição masculina (por exemplo: carro, prestígio e poder) e a expressão do *lado masculino* nas mulheres modernas e, de alguma forma, também nos homens, quando reconhecem suas

necessidades afetivas, referindo-se ao seu *lado feminino*. Há, como comenta Nolasco (1995, p. 16),

uma ‘autorização’ para que o indivíduo possa distanciar-se de um certo determinismo naturalista utilizado pelas ciências humanas e sociais, que definem o que são comportamentos de homem e de mulher, tomando para si o que *socialmente* está atribuído ao outro sexo.

No caso do homossexual, fala-se de um “estranho” que não se fixa e que desassossega o social com seu potencial de metamorfose que pode oscilar entre o masculino e feminino. Para Trevisan (2002, *apud* SILVA, 2006?),

o homossexual coloca a masculinidade em questão, e a denuncia como insustentável, e assim, abre espaço para o diferente, e desse modo se constitui num signo de contradição para a normalidade, um desejo, um devir como afirmação de uma identidade itinerante.

Tanto é assim que o perceber-se homossexual, em geral, é um processo lento de luto, com revolta, culpa e negação, bem como de tentativas para cumprir seu devir de macho viril e reprodutor a que está condicionado.

O masculino percebido como um clichê, isto é, como uma imagem sensoriomotora da coisa, como uma “metáfora fotográfica e tipográfica da imitação social” (AMOSSY & HERSCHBERG-PIERROT, 2003, p. 17), se sustenta erroneamente no argumento biológico. Nesta esteira de raciocínio, afigura-se *normal* o indivíduo que possui sexo biológico em harmonia com o sexo psíquico (é o que chamamos de indivíduo heterossexual).

Se não é fácil assumir-se, aceitar-se e abrir-se a essa experiência, não é menos difícil relacionar-se com o outro nesta condição. Heilborn (1996) comenta que os casais lésbicos costumam reproduzir o binômio *masculino–dominação–atividade sexual* versus *feminino–submissão–passividade sexual*, estruturador do modelo hierárquico do gênero e da identidade sexual na sociedade (a este binômio acrescentam-se outros adjetivos, como *emotivo* e *fragilidade* ao feminino e *racional*, *prestígio material*, *força* e *violência* ao masculino). Não muito diferentes são os casais gays masculinos. Entretanto, observa-se a disseminação de estilos de vida, em ambos casos, que apostam em um modelo simétrico, cuja expressão é o embaralhamento dos atributos de gênero. Isso acontece porque, primeiramente, colocamo-nos diante do que a cultura define (no plano sociológico e psicológico) como sendo os característicos de um e de outro sexo, e, em segundo, por

podermos pensar o que um homem e uma mulher devem recalcar para serem reconhecidos como homem ou mulher.

O que se observa atualmente entre os homossexuais é, por exemplo, a diferenciação, frente aos outros gays, por meio do distanciamento do estigma visível. No caso dos homens homossexuais, isso se dá por meio dos sinais corpóreos que indicam, para o senso comum, inferioridade de caráter ou fraqueza moral. Em outras palavras, um distanciamento do *afeminado*. O estigma dessa feminilidade em homens, quando é conhecido ou, de imediato, reconhecido, afasta as pessoas do estigmatizado, as quais não mais o percebem com qualquer outro atributo, e ele passa a ser descreditado. Assim, o homossexual “visível” é eclipsado por sua homossexualidade (SILVA, s. d.).

A questão da construção do gênero é muito importante para entender o relacionamento homossexual, já que vivemos em uma sociedade que nos educou para sermos heterossexuais, para nos casarmos e para termos filhos. Essa mesma sociedade contribuiu para a representação do *homem trabalhador, homem pai, homem sexo, homem violência, homem razão*, e se vê hoje frente a questões como: “o que é ser homem?”, “o que quer um homem no contexto contemporâneo?”. Essas não são questões respondidas apenas com um olhar para os homossexuais, mas para as novas tendências do sexo masculino. Como Nolasco (1995) nos permite interpretar, nenhum homem/macho deseja que se duvide dele, principalmente quando esta dúvida fere nele o que é tão valorizado e, segundo a tradição, é tão necessário para sua identidade: a heterossexualidade.

Na relação já citada *masculino–dominação–atividade sexual versus feminino–submissão–passividade sexual*, é de extrema importância analisar o ponto *atividade–passividade* dentro do contexto da relação entre homens homossexuais. O termo “passivo” remete à figura do homossexual com a “visibilidade do estigma”, ou seja, daquele que apresenta atitudes que identificam sua preferência sexual. É sobre esse tipo visível que se deposita a mais intensa discriminação.

Por outro lado, o homossexual ativo tende a ganhar status de mais macho, chegando ao ponto de, em raras exceções, os machos que “comem bichas” não serem classificados de maneira diferente dos “homens verdadeiros” devido ao seu desempenho do papel ativo. Inclusive, muitos homens que têm relações homossexuais não se consideram homossexuais, desde que não pratiquem o sexo anal ou que exerçam o papel

“ativo” na relação sexual, pois o sujeito que se permite passivo na relação sexual com outro é tido como desvirilizado e passa a ser desqualificado enquanto cidadão (SILVA, 2002). Essa oposição funciona como um esquema de dominação em cuja cópula a fêmea é “tomada” pelo macho. Trata-se de um preconceito forjado pela cultura e introjetado pelos indivíduos de mentalidade machista que, ao desempenharem o papel sexual “ativo”, acreditam-se excluídos da homossexualidade (SILVA, 2002).

Quando falamos em “papel de ativo”, “papel masculino” e “papel feminino”, referimo-nos ao que a Análise do Discurso – corrente que considera que a língua está inserida em seu meio social, que extrapola uma sistematização do seu uso e refuta a análise apenas de suas normas e regras, para contemplar os fatores históricos, sociais e, especialmente, ideológicos – chama de *ethos prévio*. Para Amossy (2005, p. 9) “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Esta é a noção de *ethos*: a construção de uma representação de sua pessoa.

A autora explica que não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato ou detalhe suas qualidades, nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para isso. Ademais, a apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida, a um artifício. Ela, ao contrário, se efetua, frequentemente, nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais.

Assim, *ethos prévio* seria a imagem compartilhada por um grupo de pessoas, recheada de estereótipos. Charaudeau (2006, p. 117), que dá o nome de *ethos* coletivo a essa imagem compartilhada, considera que esse *ethos* “corresponde a uma visão global, mas, à diferença do *ethos* singular, ele é construído apenas pela atribuição apriorística de uma identidade que emana de uma opinião coletiva em relação a um outro grupo”. Ainda para esse autor, um *ethos* está sempre baseado em imaginários sócio-discursivos, isto é, imaginários formados por um conjunto de julgamentos e conhecimentos que funcionam como uma espécie de mediação externa, o que permite aos indivíduos se reconhecerem como pertencentes a um grupo com o qual eles compartilham determinados imaginários.

Tais imaginários consistem em um conjunto de representações que um grupo social ou um indivíduo constrói sobre o mundo. Essas representações testemunham as percepções do sujeito a respeito de tudo que o cerca e se relacionam aos valores atribuídos por ele. Além disso, os imaginários a que Charaudeau faz referência são sociais e são relativos às crenças e aos valores que possuímos acerca de seres e objetos. Essas

representações são formadas ao longo da vida e estão relacionadas com o local em que vivemos, com as pessoas com as quais convivemos, enfim, são externas. Lima (2006) considera que, enquanto os *saberes de crença* referem-se a critérios de verdade interiores ao sujeito, os *valores de conhecimento* estariam ligados a critérios de verdade exteriores. Dessa forma, no primeiro caso, os saberes não teriam a obrigação de ser verdadeiros, pois estariam ligados à subjetividade do indivíduo, diferente dos valores de conhecimento.

Consideraremos aqui uma diferença entre estereótipos e imaginários. Enquanto os primeiros tendem a depender do julgamento de um sujeito e buscam cristalizar uma determinada ideia, os segundos não são rígidos e não têm o objetivo de estabelecer verdades. Os imaginários sócio-discursivos não possuem uma valoração no sentido de certo/errado, bom/mau. Com isso, eles não restringem o discurso analisado ao sentido e ao valor do estereótipo. Os imaginários visam a demonstrar as visões de mundo relativas a um determinado assunto e em uma situação comunicativa específica (PROCÓPIO, 2009).

Passemos agora à análise da forma com que alguns integrantes de um site de relacionamento gay, ao se descreverem e ao descreverem quem eles procuram, criam imagens de si e do outro.

3. O QUE ESTAMOS FALANDO?

O site escolhido para a análise, que se restringirá a homens residentes em Belo Horizonte, é o *MANHUNT.net*⁴.

Dividiremos esta sessão em três partes: (1) a questão passivo X ativo na identificação de si e do outro, a questão do afeminado e a manutenção dos estereótipos masculino e feminino; (2) a questão de ser assumido ou não, e se participa ou não do meio gay; (3) o politicamente correto, ou a fuga do estereótipo. Dado o recorte de nosso estudo, não trataremos da preocupação pelo corpo e da busca por um ideal de beleza. A divisão proposta se deve ao fato de estes temas serem recorrentes nos perfis por nós

⁴ MANHUNT, <<http://www.manhunt.net/>>. Acesso em: 10 ago. 2008.

analisados. As informações presente no final da cada perfil se referem à idade, ao tipo físico, à cor dos olhos, à cor do cabelo e à opção no sexo dos participantes.

A) Sou passivo, mas...

A questão *passivo = afeminado* é a mais recorrente nos perfis analisados. O perfil de *boy_passivo_bh* nos mostra isso:

boy_passivo_bh

!!! LEIAM ANTES!!!!

.....Perfis SEM FOTOS, nem adiantam em mandar msg!.....

Sou um cara tranquilo, totalmente, independente. . .

Nada afeminado, discreto.

Não curto pessoas afeminadas e procuro caras acima de 24 anos...

Sexo faz parte e todo mundo curte, mas sexo por sexo não faz meu estilo, se vc tiver afim apenas de trepar, nem adianta perder teu tempo fera...

Bom no mais é só! Abraço ae! Funcionários

22 | Magro | Pergunte-me / Pergunte-me | Passivo

Assumidamente passivo, o participante do site se define como “nada afeminado” e “discreto”, além de deixar claro que não “curte” pessoas afeminadas. O uso do advérbio *nada* elimina qualquer possibilidade de aproximação a esta característica, o que contribui para a construção de uma imagem que ele quer passar de si.

Com o passar do tempo, a relação *passivo = afeminado* acabou estigmatizando todo o grupo dos homossexuais. O perfil de *malegayman* comprova essa afirmação:

malegayman

De volta a Belo Horizonte. Sampa agora so no inicio de Julho

Sou um cara comum, boa pinta, cara e jeito de macho, o/c castanhos, poucos pêlos. Sou gay, porém totalmente discreto. Não procuro nenhum tipo de modelo de perfeicao, mas realmente curto caras que se valorizem, que se cuidem. PRE-REQUISITO: MACHO, ATIVAO, MENOS DE 40 ANOS, BOMBADO/SARADO E/OU BEMDOTADO. SOU DECIDIDO, NAO PROMISCUO !!

DIZER QUE PROCURO NAMORADO NA INTERNET SERIA MEIO INFANTIL... MAS QUANDO O CARA CERTO APARECER, É O QUE VAI ACONTECER, SEM DÚVIDA. ATÉ ESSE DIA CHEGAR, VOU LEVANDO SEM ENCANAR...

Fotos bloqueadas mostram rosto. So peça, se ja tiver mostrado o seu..

SEM FOTO, SEM RESPOSTA!!

32 | Malhado | Castanhos / Castanho-escuro | Passivo/Versátil

Possivelmente, o que *malegayman* quis dizer com a palavra *discreto* é que não é notória sua orientação sexual, isto é, não possui trejeitos femininos⁵, o que se confirma no seu *nick*. Embora contenha a palavra *gay*, esta está rodeada por *male* (macho) e *man* (homem), é como se ele dissesse “sou gay, mas sou homem”.

Com a frase “sou gay, porém totalmente discreto”, ele leva em consideração e assume como verdadeiro o estereótipo de que o gay possui características visíveis que o tornam ímpar, no entanto se exclui “totalmente”, em suas próprias palavras, desse estereótipo ao usar o conector *porém*.

Malegayman continua descrevendo suas exigências, dessa vez em caixa alta, destacando o que é importante para ele na busca: ser macho/masculino, “ativo”, menos de 40 anos, com um corpo bem trabalhado ou que tenha o pênis grande. Logo, define-se como “decidido” e não-promíscuo. Observe que a seleção lexical visa a minimizar o incômodo que poderia causar o dito.

Malegayman tenta construir um *ethos* relacionado à afetividade e ao mesmo tempo consciente de seu lugar: tem esperança de que “o cara certo” para namorar vai aparecer, mas acha infantil procurá-lo na internet, enquanto isso vai “levando sem encanar”. Esse pensamento é recorrente não só em perfis de passivos, cujo *ethos* prévio supõe uma maior demonstração de afetividade, mas também de ativos e versáteis.

É possível pensar em um *topos*⁶ (os gays afeminados são mal vistos), o que convoca duas formas tópicas discordantes:

+afeminados –aceitos; -afeminados +aceitos

e

⁵ Estamos considerando *trejeitos femininos* e *afeminado* posturas como falar fino, “desmunhecar”, mexer o cabelo de forma expressiva, cruzar as pernas, etc. Não é, necessariamente, vestir-se como uma mulher. Inclusive, muitas mulheres afirmam que as travestis e os homossexuais afeminados têm comportamentos ditos femininos que as mulheres não costumam ter, como andar rebolando e jogar o cabelo energeticamente. É o que defende Villaamil (2003) quando define a categoria de gays ‘pluma’, que se caracteriza pela reutilização dos códigos de todo tipo que significam, em seu contexto habitual, normalidade (linguísticos, estilísticos, gestuais, verbais e de vestimentas, assim como em geral os códigos que prescrevem um comportamento adequado em determinadas situações, especialmente com relação à correspondência entre os papéis de gênero e a orientação sexual). Esta reutilização é regida pelos princípios da paródia e da *bufonada* (termo em espanhol relativo a *bufão*). Definitivamente, é um estilo ligado a uma forma de olhar cuja estrutura básica é a ironia. O autor (2003, p. 157) complementa que “a ‘pluma’ é performativa, seus efeitos sobre os implícitos do senso comum em torno ao sexo e ao gênero não são fruto de uma intencionalidade política, nem de uma reflexão, mas sim de uma atuação”.

⁶ Os *topoi* dizem respeito aos saberes partilhados por uma dada comunidade e são instrumentos linguísticos que, conectando certas palavras, organizam os discursos possíveis e definem os discursos “aceitáveis” e coerentes. O *topos* é um princípio que torna possível a argumentação e possui estreitas relações com os conectores, porque ele se aplica a partir das indicações de tais marcas (DUCROT, 1995).

+passivos +afeminados; -passivos -afeminados

Dessa forma,

*os afeminados não são bem vistos > os passivos costumam ser equiparados aos afeminados
> dentro do site há gays que conhecem passivos que não são afeminados*



passarei a imagem de passivo não afeminado para ter mais chances de encontrar alguém

Além disso, a partir de outros perfis como o de BHATIVO:

BHATIVO

TOTALMENTE ATIVO, SAFADO MAS CARINHOSO, NAS HORAS CERTAS...

40 anos, aparento menos, inteligente, tranquilo, não freqüentador do meio, mor. claro, malho, mas há pouco tempo, sou magro, cab/olhos pretos, 100% ativo, bem safado na cama, carinhoso no convívio. Procuro cara passivo, até uns 30 anos, com poucos pelos ou liso, minha altura ou mais baixo (adoro baixinhos, MAS ISSO É PREFERÊNCIA, NÃO PRÉ-REQUISITO. . .), não afeminado (ISSO É UM PRÉ-REQUISITO!), discreto, bem resolvido e safado na cama, que curta mamar bastante antes de ser enrabado (se curtir um leitinho direto da fonte... humm...). Procuro amizade, sexo, ou, de preferência (MEU OBJETIVO MAIOR) se rolar afinidade, algo SÉRIO e DURADOURO.

40 | Magro | Pretos / Pretos | Ativo

podemos formular também o seguinte esquema de estratégia de construção do *ethos*:

os ativos costumam ser vistos como safados e os passivos como afetivos > os safados não levam em consideração a parte afetiva



se sou ativo e procuro um passivo, terei mais chances se falo que sou carinhoso

O problema de mostrar-se carinhoso aproxima o sujeito do estereótipo do passivo. O *ethos* prévio do passivo inclui a demonstração de afeto e de emoção, o que, para alguns, principalmente os ativos, deve ser evitado, que é o que faz BHATIVO. Com a expressão “nas horas certas”, ele deixa transparecer que nem sempre será carinhoso, mantendo-se, assim, longe do estereótipo dos passivos e, por conseguinte, dos afeminados e “afetados”⁷.

A imagem atraente que ele procura criar de si se deve justamente ao fato de ativar o estereótipo de macho que existe no *ativo* e, em contrapartida, excluir um possível defeito que existe nesse mesmo grupo dos ativos: a falta de compromisso com o âmbito afetivo.

⁷ Vale lembrar que a palavra *afetado*, usada para referir-se aos afeminados, origina de *afeto*.

Em resumo, o afeminado está relacionado ao passivo (e muitas vezes, também, a toda a comunidade gay) e não é visto como uma característica positiva. Muito pelo contrário, é tido como defeito, como algo a ser evitado e é considerado como base na seleção do parceiro. Ou seja, a negação de ser afeminado ou a sua exclusão influenciam na aceitação por parte do outro.

B) Quem mais sabe de você?

Juntamente com a questão do comportamento afeminado do parceiro, outro tema muito recorrente nos perfis refere-se ao fato de a pessoa ser ou não assumidamente gay.

Ser ou não assumido encadeia diversos *topoi*. Um deles é: +assumido = +afeminado. Um *topos* semelhante se constrói com quem frequenta o meio gay.

conversarnaocusta

mandem mensagem os discretos, trabalhadores, que tenha jeito e voz de homem... sem enrolação podemos ver no que dá um encontro. Olho no olho as coisas acontecem de forma transparente...

Pra adiantar não sou e nem pretendo ser assumido.. muito menos frequentar lugares gays... isso não quer dizer que não sei respeitar a vida de cada ser vivente...

40 | Normal | Pergunte-me / Pergunte-me | Pergunte-me

Conversarnaocusta também não “curte” homens que frequentam lugares gays, apesar de “respeitar a vida de cada ser vivente”, consideração esta que usa para tentar resguardar sua face de interpretações preconceituosas.

Em um diálogo por mensagens com outro participante do site⁸, questionamos seu rechaço quanto a pessoas que frequentam boates GLS e como resposta ele afirmou “não curto afeminados, e acho o ambiente muito depressivo e doente”. A relação evidente + *frequentar o meio* = + *ser afeminado* contribui com a construção de um *ethos*

⁸ Esta conversa, de caráter informal, realizou-se por meio do próprio *site* durante a formação do *corpus*. Nosso objetivo era saber desse usuário específico o que ele entendia pela palavra *discreto* e por que excluía as pessoas que frequentavam o meio gay. O diálogo acabou fazendo parte da análise como ilustração dos temas *discreto* e *frequentador do meio*, embora não fosse nossa intenção incluir outro gênero textual na pesquisa.

de credibilidade que se pauta em representações acerca dos afeminados, mas também em representações acerca do que seria mais correto e mais aceitável em termos de valores e julgamentos morais.

Ao longo da conversa, afirma que é “bem resolvido e decidido em relação à cultura gay”, excluindo-se, inclusive, da categoria gay, já que não se considera pertencente ao “ambiente desse reduto”. Seu conceito de gay parece ser o mesmo que afeminado e frequentador de boates e bares específicos, e não necessariamente o de homem que sente atração por outros homens.

Com a palavra “reduto”, opina sobre esses lugares que servem muitas vezes, segundo seu ponto de vista, como refúgio de excluídos, nos quais eles podem ser quem são realmente, ou como gostariam de ser. Além disso, este participante do site considera que os que frequentam o meio têm como intenção ficar falando de coisas gays e não se comportar como qualquer pessoa “normal”, isto é, “escandalizar” a sociedade, o que as torna ridículas. Em determinado ponto do diálogo, ele chegou a considerar que os frequentadores de ambientes GLS são, em sua maioria, pessoas com problemas psicológicos ou físicos, de baixa auto-estima e “bizarras”.

Figari (2007, p. 458) usa o termo “gueto” ao invés de “reduto” e inclui na lista a Internet, um “espaço privilegiado de ‘guetificação’ virtual”, onde “tudo tornava muito mais visível certo ‘estilo de vida’ ou uma cultura de consumo especializada nas grandes cidades do Brasil, dirigida principalmente a homens das classes média e alta”. Nesse lugar de limites confusos, entre o público e o privado, vê-se o surgimento de um espaço

que possibilitou – aliado à diversificação das ofertas culturais do mercado e, por certo, ao espaço virtual – o surgimento de novas experiências e identidades homoeróticas públicas/privadas em clave masculina e feminina, já não na clandestinidade e sem necessariamente gerar reclamações ou demandas políticas. (FIGARI, 2007, p. 459-460)

Diferentemente dos espaços “reais”, a Internet permite uma maquiagem da identidade desses indivíduos, com nomes falsos, sem fotos ou com fotos alheias. Este gueto, portanto, criou outra possibilidade para os “enrustidos” que têm medo de serem descobertos. Esse receio provoca o rechaço àqueles que assumem sua sexualidade, já que, na companhia de alguns desses assumidos, conclui-se com frequência que só andam “semelhantes”.

Uma vez considerado o *topos* (o frequentador do meio é problemático), a chance de ser aceito pelo outro aumenta quando se cria a imagem de que não se frequenta o meio e se repudia tal comportamento. Isso, contudo, não se restringe aos gays que vão a boates e bares do meio GLS, mas também àqueles que não se preocupam ao assumir sua sexualidade, ainda que de forma restrita, como perante a família e entre. Esse assumido seria o oposto do *discreto*, em alguns contextos, já que não procura esconder sua orientação sexual. Embora nem sempre tenha o comportamento estigmatizado dos afeminados, o assumido é muitas vezes equiparado a eles por não fazer parte da parcela que tenta se livrar da carga social e cultural que os homossexuais possuem. Assumir a sexualidade parece estar relacionado a ser “naturalmente afeminado”, isto é, como não é necessário esconder a orientação sexual, o normal é possuir as características presentes nas representações relativas aos homossexuais.

O agravante dessa crença relaciona-se à *vox populi* já relatada neste item, a qual pode ser resgatada no ditado “diga-me com quem andas que te direi quem és”. Possuir contato com pessoas que não têm problemas em assumir a homossexualidade, nessa linha de pensamento, significa afirmar-se homossexual. No entanto, os *discretos* querem exatamente afastar-se desse comportamento e o fazem também na escolha do parceiro no *ManHunt*.

C) Politicamente correto (?)

Consideraremos *politicamente correto* como um processo aberto, em construção, tenso e incerto, que funciona como uma gravitação sociológica, impelindo os indivíduos a constantes negociações e renegociações de sentidos e valores. Nesse processo, inúmeras são as vezes em que se vêem contradições, pois as negociações de sentido e valores passam tanto por abordagens mais abstratas, como a sociedade e a cultura, quanto pelas mais exatas, como os estudos científicos.

Explicitar estas negociações e renegociações nos textos dos perfis torna-se importante estratégia de construção do *ethos*, já que se mencionam de forma mais aberta os imaginários sócio-discursivos sobre os gays.

Um perfil cuja estratégia foi baseada no politicamente correto é o de *Bottoncity*:

Bottoncity
"Causando"

Não tem como não rir de tudo isso:

-Quero um macho passivo,não curto afetações,perfil sem foto to fora,e mimimi...tenho medo de onde possamos chegar com uma comunidade tão seletiva.

..Enfim

Sou o que sou,por que quero ser assim,ser feminino não afeta o lado masculino de ninguém,não vou ser o que vc quer que eu seja,so pra te satisfazer,serei o contrario do que quer que eu seja.

Essas fotos são de pessoas com quem eu me relacionei,a única que é minha é a do perfil,no mais continuo querendo e fazendo bons amigos.Ow os dias estão passando e vc vai deixar de viver por um gosto bobo que vc mesmo formulou sem contexto nenhum? bom pra vc então.

19 | Magro | Castanhos / Pretos | Passivo/Versátil

Bottoncity sabe que expressar seu ponto de vista no site é um tanto “ousado”, por isso põe como título de seu texto “Causando”, que no linguajar do universo gay significa “surpreendendo”, “causando um reboliço”. Sua indignação com o preconceito aos afeminados já começa com uma dupla negação quando afirma que “**não** tem como **não** rir de tudo isso”. Ao negar duas vezes, ele parece afirmar a idéia de que é possível realmente não rir dessa situação, porque se trata de um assunto sério. Em seguida, ilustra seu ponto de vista ao retomar uma voz que circula acerca do que desejam os ativos.

Ao afirmar, polifonicamente, que “ser feminino não afeta o lado masculino de ninguém”, Bottoncity faz uso uma vez mais de uma negação, dessa vez de uma *vox populi* sobre os passivos e põe em dúvida o que se entende por *afeminação* e por *masculino*. Além disso, pode-se depreender de seu discurso que as pessoas que selecionam perfis no site pautando-se nesta dicotomia *ativo/passivo* acabam, de alguma forma, obrigando os interessados a modificarem seu comportamento: há muitos “passivos afeminados” que são obrigados a se comportarem como “passivos machos”.

O que ele quer dizer, possivelmente, é que o feminino é tão abominável que quem o é se esforça para não sê-lo, mudando seu jeito natural. Isto é, os considerados afeminados (e parece que ele se inclui) o são porque lhes é natural e não por esforço. A surpresa que Bottoncity provoca é justamente por desviar do preconceito mergulhando na característica mais estereotipada e dizendo “e daí?”, “Sou o que sou, por que quero ser assim”. Com isso, ele deseja reconstruir a imagem do passivo tendo consciência de que seu *ethos* prévio é negativo sem negá-lo.

Sua “lição de moral” vem em seguida ao questionar a origem do “gosto bobo que vc mesmo formulou sem contexto nenhum”. Esse “sem contexto nenhum” a que ele está se referindo relaciona-se aos imaginários sócio-discursivos que circulam em torno do *ethos* do gay passivo, como o fato de ser afeminado constituir uma característica negativa.

Charaudeau (2006) propõe que o *ethos* se apoia em um duplo imaginário corporal e moral, o que leva o autor a distinguir duas “classes” de *ethos*: o de credibilidade, fundado em um discurso da razão; e o de identificação, fundado no discurso do afeto. Em poucas palavras, o *ethos* de credibilidade é o resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, realizada de tal modo que os outros sejam conduzidos a julgá-lo digno de crédito. Por outro lado, o *ethos* de identificação se faz em uma relação triangular entre *si*, o *outro* e um *terceiro* ausente, portador de uma imagem ideal: enquanto o *si* procura endossar essa imagem ideal, o *outro* se deixa levar por um comportamento de adesão à pessoa que a ele se dirige por intermédio dessa imagem ideal de referência. Essas imagens são extraídas do afeto social.

Retomando a análise, se observarmos atentamente o texto do perfil de *Bottoncity*, concluímos que sua construção toma como alicerce o próprio site: “Não tem como não rir de tudo isso: -Quero um macho passivo,não curto afetações,perfil sem foto to fora,e mimimi...tenho medo de onde possamos chegar com uma comunidade tão seletiva.” Ele cria ou se apropria de um ou vários perfis em seu texto e propõe sua opinião acerca do assunto.

Podemos considerar, dessa forma, a metalinguagem nos perfis, isto é, presença de referências ao próprio site nos textos dos participantes, como uma estratégia de construção do *ethos*, já que, ao criticar ou elogiar a página, transparece uma opinião também acerca de si e do outro. Normalmente, essa referência que se faz ao próprio *ManHunt* ou ao gênero textual “perfis de sites de relacionamento” tem como finalidade a desconstrução de um estereótipo ruim e a proposição de um novo olhar sobre quem se descreve.

Ao contrário da visão de *Bottoncity*, vê-se uma quantidade considerável de perfis excluindo os afeminados, o que nos leva a concluir que a tendência do

politicamente correto dentro do meio gay aceita a exclusão dos que carregam esse estigma. O perfil de *chrisholm* toca neste assunto:

chrisholm

Não procuro mais... Deixo aparecer, e aparece.

Cara normal, trabalho, tô na faculdade, 2 braços, 2 pernas, cabeça...

A fim de conhecer gente normal e cheia de defeitos, pois só assim sei que estou lidando com um ser humano... Procurando um carinho que pode sair comigo parecendo um amigo, sem jeitão.

No mais, tô na área!

Sendo discreto e certo da sexualidade, já é um grande passo. Única seleção que faço é essa. O resto (barrigudo, careca, branco, amarelo, malhado, magro, novo, velho...) a gente acerta.

21 | Magro | Castanhos / Pretos | Ativo

Primeiramente, ele se descreve, de forma irônica, como alguém normal e afirma que procura pessoas “normais”, com defeitos (o que já demonstra uma revisitação ao conceito de *normal* que é usado muitas vezes nos perfis). Entretanto, essa “normalidade” a que ele se refere exclui os homens com “jeitão”, os que não são discretos e os que não têm certeza quanto à sua sexualidade, exigências reforçadas com as frases “já é um grande passo” e “única seleção que faço é essa”.

Outros muitos perfis também apresentam desconstruções de estereótipos dos gays, mas por questão de recorte, vamos nos restringir a um último perfil e temática: a ruptura do imaginário sócio-discursivo do gay promíscuo.

A busca por alguma relação que não esteja vinculada apenas ao sexo é temática recorrente nos perfis. Relacionados a isso, constantemente encontram-se textos que debatem a questão do sexo *versus* o caráter e a personalidade. E também é frequente uma contradição entre o texto e as imagens exibidas nos perfis. *Sonhodeputa* não busca por pessoas que querem apenas satisfação sexual, mas notamos algumas incoerências:

sonhodeputabh

Lukas

Tenho 20anos sou moreno,tenho um corpo normal e quero um uma pessoa bem resolvida de 18 a 27 anos com não precisa ser sarado mas precisa de gostar de se cuidar.Não quero pessoas que tem medo de mostrar o que são,pois pretendo levar um relacionamento sem neuras e medos!!Só quero isso e mais nada!!!To cansado de somente sexo tá com qualquer um, se quiser pode me ligar pra gente conversar antes de se conhecer,o meu tel!!!! pelo msn agente conversa e eu vejo se te dou!!! dodancemc me add e falamos!!!

20 | Normal | Pretos / Castanho-escuro | Passivo/Versátil

As exigências de *Sonhodeputabh* entram no âmbito mais da personalidade que do corpo, pois ele não quer “pessoas que tem medo de mostrar o que são”, já que sua finalidade é “levar um relacionamento sem neuras e medos”. Finalmente, afirma que está cansado de encontrar pessoas apenas para sexo e propõe formas de entrar em contato com ele. Seu *ethos* é construído com base em valores cultuados pelo “padrão da moral e dos bons costumes”, como ter um relacionamento sério e não ser promíscuo.

Este discurso politicamente correto, entretanto, é contraditório em relação ao que ele apresenta nas fotografias: das dez expostas por ele, oito mostram seu pênis, em uma ele está apenas de short deitado no sofá e na outra de cueca mostrando o volume que seu órgão genital deixa na roupa. A partir das fotos, outro *ethos* pode ser construído e este se opõe àquele apresentado no texto: o de promíscuo.

Em todos os perfis selecionados para a análise, pudemos observar que a construção do *ethos* gira em torno de estereótipos existentes em nossa cultura sobre os gays, inclusive quando se tenta ser politicamente correto. Nessas construções de imagens de si (e também do outro) inúmeros são os perfis que apresentam incoerências entre fotos e textos, por exemplo, e de simplificação do homossexual se observados com mais cautela.

4. ENTÃO...

Ao longo deste trabalho, analisamos a forma com que alguns homossexuais de Belo Horizonte constroem uma imagem de si ao se descreverem e descrever o outro em um *site* de relacionamento. Essa construção baseia-se em diversos estereótipos sobre o grupo dos gays, como o do gay-afeminado e do gay-promíscuo, atribuindo muitas vezes a todos os homossexuais essas características.

Independente se a retomada do estereótipo serve para excluir o outro de forma preconceituosa ou para fazer um discurso de inclusão “politicamente correta”, fato é que grande parte dos textos presentes nos perfis tocam nas características mais estigmatizadas dos homossexuais. Isso parece contribuir para a idéia de que os homossexuais mantêm, entre si, o preconceito existente na cultura tradicionalmente heterossexual.

Longe de propormos uma sistematização ou de “darmos lição de moral”, este trabalho objetivou mostrar, à luz dos estudos da Análise do Discurso, como os homossexuais constroem seu *ethos* em um *site* de relacionamento por meio dos estereótipos existentes sobre eles próprios. Rechaçar, aceitar e criticar o outro, valorizar-se e defender-se são estratégias de criar uma imagem de si positiva. Embora muitos possam pensar que a recusa e a crítica estejam baseadas no gosto pessoal de cada participante, questionamos se esse gosto é realmente pessoal ou um reflexo do que se considera positivo na sociedade em geral. Evitaremos adentrar, no entanto, nesse âmbito, pois gosto não se discute. Ou se discute?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth & HERSCHBERG-PIERROT, Anne. *Estereotipos y clichés*. Buenos Aires: EUDEBA – Universidad de Buenos Aires, 2003.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. nº 9-28.

ARONSON, Elliot; WILSON, Timothy D.; AKERT, Robin M. Preconceito: Causas e curas. In: *Psicologia Social*. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002. p.291 – 322.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

DUCROT, Oswald. *Topoï et formes topiques*. In: ANSCOMBRE, J. C. (org.) *Théorie des topoï*. Paris: Kimé, 1995. p. 85-99.

FIGARI, Carlos. *@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, Richard & BARBOSA, Regina. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145. Disponível em: <<http://sistema.clam.org.br/biblioteca/files/serouestarhomossexual.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2008.

LIMA, Helcira Maria R. de. *Na tessitura do Processo Penal: a argumentação no Tribunal do Júri*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006. MANHUNT, <<http://www.manhunt.net/>>. Acesso em: 10 ago. 2008.

MUÑOZ, Carlos Basilio. *Uruguay homosexual: culturas, minorias y discriminación desde una sociología de la homosexualidad*. Montevideo: Trilce, 1996.

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: NOLASCO, S. (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p.nº 15-29.

PEDRO, Roberto Cardoso. *O preconceito no discurso gay*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Os imaginários sócio-discursivos sobre o homem do campo difundidos pelos quadrinhos de Chico Bento. In.: *Revista Investigações*, Pernambuco, v. 22, n. 2, p. 181-203, jul. 2009.

QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando. *Transgressores e transviados: a representação do homossexual nos discursos médico e literário no final do século XIX (1870-1900)*. 1992. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

SÁ, Maria de Fátima Freire de. Da redesignação do estado sexual. In: SÁ, Maria de Fátima Freire de & NAVES, Bruno Torquato de Oliveira (Orgs.). *Bioética, Biodireito e o Código Civil de 2002*. Belo Horizonte: Del Rey, 2003. p.nº 199-221.

SILVA, José Josemir Domingos da. Tá rindo do quê?: a construção do estereótipo homossexual nas piadas. In: *CD-ROM do I Colóquio Nacional de Estudos da Linguagem*, 2007, Natal.

SILVA, Valdeci Gonçalves da. O discurso da inclusão homossexual. **Algosobre Vestibular** [2006?]. Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/comportamento/o-discurso-da-inclusao-homossexual.html>>. Acesso em: 21 fev. 2008.

SILVA, Valdeci Gonçalves da. A representação social dos papéis sexuais ativo e passivo nas relações homoeróticas. In: *Revista Sanitas* (UEPB). Ano 7, n. 14, mai. 2002. Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/comportamento/ativo-e-ou-passivo-eis-a-questao.html>>, sob o título “Ativo e/ou Passivo, eis a Questão?”. Acesso em: 22 fev. 2008.

SOARES, Luiz Eduardo. Politicamente correto: o Processo Civilizador segue seu curso. In: PINTO, P. R. M., *Filosofia analítica, pragmatismo e ciência*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p.nº 217-238.

TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VILLAAMIL, Fernando. “Llevar los tacones por dentro”: identidad, ironía y resistencia. In.: *Arxius de Ciències Socials*, Valencia, n. 9, p. 155-173, dez. 2003.